POR UMA SOCIOLINGUÍSTICA ROMÂNICA "PARAMÉTRICA" – RESPONDENDO A TARALLO 1987

Maria Eugenia Lammoglia Duarte (UFRJ/CNPq)

Eduardo Patrick Rezende dos Reis (UFRJ)

Nosso objetivo, neste wokshop, é responder a questões propostas por Tarallo (1987), seguido por Tarallo e Kato (1989; 2007), que defendem a compatibilidade em usar um modelo fundado em bases empíricas, a partir da Teoria da Variação e Mudança Linguística - TVM - (Weinreich, Labov e Herzog 1968), para chegar a generalizações formais, em associação com os pressupostos gerativistas desenvolvidos a partir da formulação da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981) e trabalhos subsequentes, que viriam a ser desenvolvidos no âmbito da versão Minimalista de Princípios de Parâmetros - P&P - (1995, e.o). Nossos objetivos são (i) mostrar que o texto de Tarallo (1987) deve ser lido e entendido dentro do contexto histórico em que foi escrito: como a Teoria de P&P estava "em plena infância", como diz o autor, seu texto consistiu em fazer um experimento - ler resultados de pesquisas variacionistas de fenômenos analisados por outros estudiosos da TVM, de fenômenos morfossintáticos atestados em variedades românicas, e extrair dali generalizações formais sobre os resultados empíricos obtidos para essas línguas românicas à luz das primeiras ideias da Teoria de P&P; (ii) mostrar que, a partir do desenvolvimento da Teoria de P&P em 1981 e as sucessivas reformulações que se seguiriam, a pesquisa variacionista vai além da proposta de Tarallo na ocasião: não consiste em uma "leitura de trabalhos prontos", mas toma como ponto de partida as propriedades elencadas como características de uma marcação do valor de determinado parâmetro da Gramática Universal, desde o levantamento de hipóteses, a formulação dos grupos de fatores linguísticos que restringem um processo de mudança em curso, a busca pelo "encaixamento" da mudança em curso e as generalizações formais extraídas dos dados da língua-E. Em outras palavras: a TVM não pode prescindir de um componente gramatical adequado ao estudo da mudança sintática em questão. E, no caso da apresentação aqui proposta, mostraremos em que consiste esse "casamento", como se aplica e quais as vantagens de tomá-lo como componente gramatical para pôr em prática uma análise variacionista (Duarte 2019). Com essa associação, mostraremos o estado atual da pesquisa sobre a mudança na remarcação do valor do Parâmetros do Sujeito Nulo no PB, focalizando a propagação da mudança ("implementação"), seu "encaixamento" do sistema linguístico (o que leva à inserção de uma nova forma no sistema e que consequências, ou efeitos colaterais, tal inserção provoca nesse mesmo sistema, o que dificilmente é identificado sem uma teoria gramatical. Nossa análise comparativa utiliza amostras recentes do português brasileiro (em sua variedade carioca) e do português europeu na modalidade oral (www.corporaport.letras.ufrj.br) e a metodologia desenvolvida no âmbito da TVM. Esperamos mostrar, como anteviam Tarallo e Kato (1989; 2007, 38), que "ambas as teorias são grandes, cada uma cresce à medida que da outra se alimenta". Mas, iremos um pouco além: mostraremos que uma teoria linguística (seja ela qual for) é indispensável à aplicação de uma teoria da mudança. Sem ela, a pesquisa se perderia "em meandros de possíveis fatores condicionadores" e levaria "a estatística às últimas consequências".

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Variação e Mudança; Teoria de Princípios e Parâmetros; Parâmetro do Sujeito Nulo;

Referências

Duarte, Maria Eugênia Lammoglia. 2019. A sociolinguística "paramétrica": *desfazendo alguns equívocos*. Revista Guavira 15 (31): 124-140. http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/868/606.

Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding.* Dordrecht: Foris,

Chomsky, Noam. 1995. The Minimalist Program. Cambridge: The MIT Press.

Tarallo, Fernando. 1987. Por uma Sociolinguística Românica "Paramétrica": Fonologia e Sintaxe. *Ensaios de Linguística*, UFMG, v. 13: 51-84.

Tarallo, Fernando, e Mary Aizawa Kato. 2007 (1989). Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. *Diadorim*, *Revista do PGLEV, UFRJ,* vol. 2: 13-42. Reimpressão do original publicado em *Preedição* 5. Campinas: Unicamp.

Weinreich, Uriel, William Labov, e Marvin Herzog. 2006 (1968). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.* Traduzido por Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.

TEORIAS DE MUDANÇA SINTÁTICA
– O CONTRIBUTO VINDO DAS LÍNGUAS DE HERANÇA

Esther Rinke (Goethe Universität Frankfurt); Cristina Flores (Universidade do Minho Braga)

Palavras-chave: mudança sintática, contacto linguístico, falantes de herança, clíticos, objetos nulos.

Resumo:
A presente comunicação tem como objetivo mostrar como a investigação sobre o bilinguismo pode contribuir para aprofundar o entendimento de processos de mudança sintática.
A teoria generativa sobre a mudança sintática assume que a evolução diacrónica decorre do processo da transmissão da língua, ou seja, a mudança linguística ocorre durante a aquisição da primeira língua. No entanto, o processo de aquisição da primeira língua é um processo relativamente estável, normalmente concluído com êxito, o que leva ao "logical problem of language change" (Niyogi & Berwick 1995). Para resolver este paradoxo, muitos autores assumem que certas propriedades do *input* (como, por exemplo, uma ambiguidade estrutural) iniciam uma mudança durante o processo de aquisição (Lightfoot 1991; Roberts 1993). O contacto linguístico é um cenário promissor neste contexto (vê Kroch 1999), pois existem duas línguas que fornecem o input a uma aquisição simultânea de duas gramáticas.
Partindo da observação que a aquisição de uma língua de herança se baseia principalmente no registo coloquial como fonte de input dominante (por vezes até exclusiva), pretendemos discutir a hipótese que o desenvolvimento da gramática da língua de herança pode acelerar mudanças sintáticas em curso, seguindo trajetórias diacrónicas previsível.
Esta hipótese será discutida com base em dois estudos sobre pronomes clíticos e objetos nulos em português europeu (PE) como língua de herança, adquirido e falado na Alemanha (autor 2014, autor 2018).
O primeiro estudo mostrou que tanto falantes monolingues como falantes de herança aceitam mais facilmente a omissão de um clítico dativo do que de um clítico acusativo. Contudo, o grau de aceitação é mais acentuado nos falantes de herança do que nos monolingues. Este resultado está de acordo com estudos prévios que demonstraram que há uma tendência para que os contextos com clíticos dativos mudem diacronicamente antes dos contextos com clíticos acusativos (cf. autor 2013; autor 2010 em relação ao espanhol), provavelmente porque o peso semântico dos clíticos dativos é mais baixo do que o dos acusativos (Andersen 1982).
O segundo exemplo que gostaríamos de discutir nesta apresentação está relacionado com a distribuição do objeto nulo em PE como língua de herança na Alemanha. No estudo de autor (2018), investigamos a realização do objeto nulo num corpus de fala espontânea, comparando a segunda geração de falantes bilingues (falantes de herança) com a primeira geração de migrantes e com dois grupos de falantes monolingues da mesma idade residentes em Portugal. Um resultado deste estudo foi que os falantes bilingues e monolingues mais novos produziram uma taxa mais alta de objetos nulos em comparação com as duas gerações mais velhas – apontando para uma mudança intergeracional (Labov 1994).
Esta mudança foi mais expressa na fala dos falantes bilingues mais novos, que produziram uma taxa significativamente mais alta de objetos nulos animados do que todos os outros grupos de falantes.Isso mostra que os falantes bilingues estendem as condições semântico-pragmáticas do objeto nulo ao longo da hierarquia referencial proposta por Cyrino et al. (2000), mostrando que a extensão das categorias vazias avança começando com dos antecedentes menos referenciais (=proposicional, não específico, inanimado) para os antecedentes mais referencias (=animados, específicos, humanos).

Em conclusão: os estudos investigando a competência linguística de falantes bilingues podem contribuir para o desenvolvimento de teorias sobre a mudança diacrónica, pois mostram que a variação linguística encontrada nos falantes de herança é sistemática, pode ser diacronicamente inovadora e se desenvolve ao longo de trajetórias diacrónicas previsíveis.

Referências:

Andersen, Roger W. 1982. "Determining the linguistic attributes of language attrition". In *The loss of language skills*, editado por R. D. Lambert e B. F. Freed, 83–118. Rowley, MA: Newbury House.

Clark, Robin e Ian Roberts. 1993. "A computational model of language learnability and language change." *Linguistic Inquiry* 24: 299–345.

Cyrino, Sônia M. L., Maria Eugênia Duarte, e Mary A. Kato. 2000. "Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese." In *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*, editado por Mary A. Kato e Esmeralda V. Negrão. 55–73. Frankfurt am Main, Vervuert and Madrid: Iberoamericana.

Fischer, Susann e Esther Rinke (2013). "Explaining the variability of clitic doubling across Romance: a diachronic account". *Linguistische Berichte* 236: 255-272.

Gabriel, Christoph e Esther Rinke. 2010. "Structure informationnelle et statut morpho-syntaxique des clitiques: la diachronie du doublement pronominal en espagnol et en français." In *Syntaxe, Structure Informationnelle et Organisation du Discours Dans les Langues Romanes*, editado por Daniel Jacob e Andreas Dufter, 95–116. Frankfurt: Lang.

Kroch, Anthony. 1999. "Syntactic Change." In *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, editado por Marc Baltin e Chris Collins, 699–729. Malden e Oxford: Blackwell.

Labov, William. 1994. *Principles of linguistic change. Volume 1: Internal factors*. Oxford: Blackwell.

Lightfoot, David. 1991. *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge: The MIT Press.

Meisel, Jürgen Michael. 2011. "Bilingual language acquisition and theories of diachronic change: Bilingualism as cause and effect of grammatical change". *Bilingualism: Language and Cognition 14*: 121–45.

Niyogi, Partha e Robert C. Berwick. (1995). "The Logical Problem of Language Change". MIT.

Rinke, Esther e Cristina Flores. 2014. "Morphosyntactic knowledge of clitics by Portuguese heritage bilinguals. *Bilingualism: Language and Cognition* 17: 681–99.

Rinke, Esther, Cristina Flores e Pilar Barbosa. 2018. "Null objects in the spontaneous speech of monolingual and bilingual speakers of European Portuguese. *Probus. International Journal of Latin and Romance Linguistics* 30: 93–120.

A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NA ESCRITA JORNALÍSTICA DIGITAL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Michael de Araujo Palmieri (UFRJ)

Palavras-chave: Sujeito pronominal, Indeterminação do Sujeito, Parâmetro do Sujeito Nulo, Gêneros Jornalísticos.

Resumo:
No bojo do conjunto de alterações sistêmicas decorrentes da mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB (DUARTE, 1995), este trabalho investiga a tendência de implementação de estratégias pronominais não padrão de indeterminação do sujeito em três gêneros textuais do jornal digital Nexo Jornal. As estratégias pronominais foram analisadas a partir do *continuum* de indeterminação proposto por Marins, Soares da Silva e Duarte (2017), que divide as estratégias em um polo de referência arbitrária – com as estratégias 3ª pessoa do plural, se_{arb} e a não padrão $zero_{arb}$ – e um polo de referência genérica – com a estratégia se_{gen} e as não padrão *você* e $zero_{gen}$. Em pontos intermediários, encontram-se as estratégias de 1ª pessoa do singular *eu* e as de 1ª pessoa do plural *nós* e *a gente*, que incluem o falante. Concatenamos, na análise, a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY 1981), através da qual se pode observar a mudança paramétrica no PB, e a Teoria da Variação e Mudança (WLH 2006[1968]), a partir da qual se pode verificar o encaixamento da mudança que interessa ao trabalho. Em outras palavras, o maior preenchimento do sujeito de referência definida traz repercussões também no que se refere ao preenchimento nos sujeitos de referência indefinida (CAVALCANTE 1999, COUTO 2004, VARGAS 2010, entre outros). Os gêneros analisados por este trabalho também foram divididos em um *continuum* de formalidade, a partir da sua permeabilidade à entrada dessas estratégias não padrão. Com o intuito de avaliar o avanço do fenômeno ao longo do tempo, nossos resultados foram comparados aos resultados obtidos por Cavalcante (1999), sobretudo do seu último período de análise já ao final do século XX, que empreendeu uma análise diacrônica das mesmas estratégias de indeterminação também em gêneros jornalísticos. A partir da comparação, verificamos que o grau de formalidade do texto é fator importante para que se determine o avanço de estratégias não padrão de indeterminação na escrita. Também se verificou que o gênero textual e suas características ajudam a limitar o escopo de estratégias. Nas estratégias em competição, há preferência pelo uso de *se* e *nós,* além de uma preferência geral bastante significativa pelo não preenchimento do sujeito. Embora baixos, os índices de estratégias não padrão indicam sua implementação lenta na escrita, sobretudo nos gêneros menos formais. Quanto às estratégias mais especificamente, a estratégia padrão *se* é bastante frequente em todos os gêneros analisados e é também um excelente indicador de grau de formalidade. A estratégia 3ª pessoa do plural, por outro lado, se mostrou pouco produtiva, muito por conta de sua especialização na indeterminação de caráter arbitrária, como indicava Cavalcante (1999), que verificou números estáveis de *eles* ao longo do tempo. As estratégias de categoria [+1ª pessoa/+plural] foram mais produtivas nos gêneros com maior apelo argumentativo, por seu caráter mais inclusivo. As estratégias não padrão *você* e *zero* apareceram, principalmente, no gênero menos formal, esta última com ocorrências apenas em discurso direto, indicando a resistência presente na escrita culta. As ocorrências da estratégia *eu*, diferentemente de todas as estratégias, ficaram limitadas a contextos hipotéticos, o que sugere uma possível reavaliação do seu uso.

Referências:

Cavalcante, S. R. de O. 1999. "A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX." Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Chomsky, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 1981. Dordrecht: Foris Publications.

Confalonieri, M. M. 2017. "Estratégias de indeterminação em peças portuguesas e brasileiras: uma análise contrastiva." Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Couto, Marco Aurélio de Souza. 2004. "Estratégias pronominais de indeterminação do agente." Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Duarte, M. E. L. 1993. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito português do Brasil." In *Português Brasileiro: uma viagem* diacrônica, organizado por Roberts & M. A. Kato, 107-128. Campinas: Ed. Da UNICAMP.

_____, M. E. L. 1995. "A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro." Tese, Universidade Estadual de Campinas.

LABOV, William. 2003. "Some sociolinguistic principles." In *Sociolinguistics: the essential readings*, organizado por Christina Bratt Paulston & G. Richard Tucker, 234-250. Massachusetts: Blackwell Publishing.

Marins, Juliana Esposito, Soares da Silva, Humberto e Duarte, Maria Eugenia Lammoglia. 2017. "Revisiting Duarte (1995): for a Gradient Analysis of Indeterminate Subjects in Brazilian Portuguese." *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 17, 140-172. https://doi.org/10.35520/diadorim.2017.v19n0a13602

Souza, Janaína P. F. de. 2012. "Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX." Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vargas, A. S. C. A. 2010. "Estratégias pronominais de indeterminação: um estudo diacrônico." Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Weinreich, U., labov, W. & herzog, M. 2006. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.